

Movimento Religioso

ESTADO DE SÃO PAULO

Constituintes atropelam unidade do gênero humano

A atual Constituinte, que funciona de trás para diante, partindo do particular para o geral, e não ao contrário como deveria ser, fez tábula rasa do gênero humano, ao destinar uma de suas comissões temáticas aos direitos do homem e da mulher. Ora, essa distinção bissexual fere a unidade fundamental do gênero humano, que só pode ser visto como um todo. Já S. Paulo pregava o sentido profundo da revelação cristã ao afirmar: não há judeu, nem gentio, servo, nem livre, homem nem mulher feitos na unidade radical de que fala o gênesis (1,27): Há uma humanidade criada livre, decaída pelo pecado e redimida no sacrifício de Cristo.

Já a mais que centenária Filosofia (assim mesmo, com dois phs) de Janet ensinava que o homem é ao mesmo tempo um ser zoológico, um (antropológico), um animal, se quiserem evoluído, mas simultânea e inseparavelmente um ser moral. Além de suas sensações exteriores, das faculdades que o distinguem da vida animal comum, ele é também um ser interior, mediante suas faculdades intelectuais e morais, tal como se manifestam em cada um de nós, e giram ao redor da consciência. E súbito o homem, independentemente de seu sexo, se encontra em seu reino, perante si mesmo e perante Deus, que, como o demonstrou o Doutor Angélico, emerge necessariamente, em que pese o mundo exterior, como princípio e fim de todas as coisas.

Cada homem é uma consciência, uma pessoa, e a soma de homens e mulheres, conforme o ensinamento paulino, à luz da teologia da Criação contida no Gênesis, resulta na unidade fundamental do gênero humano, de que a bissexualidade é (por assim dizer) um acidente biológico, não se diferenciando nesse plano homens e mulheres, assim como as raças e línguas, jovens e velhos, pobres e ricos, Santos ou pecadores, todos pertencem ao gênero humano.

LIBERDADE INTERIOR

O paradigma bíblico do mau uso que o homem faz de sua liberdade (queda do homem) não revela outra coisa que sua vontade de poder. Pois o homem é necessariamente um ser social e gera instituições sociais e políticas (o animal político de Platão), que podem libertá-lo — nos limites da fragilidade de sua natureza — ou oprimi-lo até o paroxismo da tortura, dos campos de concentração, da alienação coletiva do totalitarismo. "Por dentro", porém, enquanto reste um vislumbre de consciência, de subjetividade, é impossível a mentira e a verdade sempre se desenha no horizonte. E um ser livre, até a exaustão.

Ainda agora o papa João Paulo II, visitando na Polônia a Universidade Católica de Lublín — a única do Leste europeu — tocava nesse ponto. Demonstrava como os postu-

lados oriundos do Iluminismo do século XVIII e depois do racionalismo do século XIX, longe de consummarem uma ruptura definitiva entre ciência e religião, levaram, em circunstâncias dramáticas, a um resultado exatamente oposto. A religião está sendo redescoberta e a transcendência, inerente ao espírito humano, reivindica seus direitos.

"Parece também — afirma Wojtyła — que o homem de hoje se dá cada vez mais conta do fato de que Deus (e por conseguinte também a religião) — e de modo especial o Deus-Pessoa da Bíblia e do Evangelho, o Deus de Jesus Cristo, permanente e último (e definitivo) — garante a subjetividade humana, a liberdade do espírito humano (palavras grifadas no original), especialmente nas condições em que esta liberdade e subjetividade são ameaçadas (idem) não só em sentido teórico, mas, ainda mais, em sentido prático; mediante um sistema e uma escala de valores. Mediante o 'ethos' (ou o antiethos) unilateralmente tecnocrático, mediante difusão do modelo de civilização do consumo, ou mediante diversas formas de totalitarismo do sistema."

Assegurar essa subjetividade também na coletividade humana, isto é, na sociedade, no Estado, nos diversos ambientes de trabalho e até no lazer — diz o papa em outra passagem — tornou-se a última razão do que hoje se chama direitos do homem (e não direitos do homem e da mulher). Esse é o ponto de encontro do conhecimento metódico, isto é, da ciência, com a filosofia, em particular com a ética e também, em certo sentido, diz o papa, com a Teologia.

Trata-se, em outras palavras, de uma Teodicéia, em que o gênero humano é a síntese da perfeita ordem do cosmos, de toda a mecânica celeste (no sentido matemático), em face do que se poderia chamar, e se chama, de "economia" da salvação ou seja, da totalidade humana inserida no Universo, que celebra nas coisas criadas e incriadas a glória de Deus.

É impossível dividir o gênero humano ou aprisionar o espírito humano. A divisão é redundante, porque no fundo não existe. Mas tudo isso não é outra coisa senão o fruto de nossa cultura marxista, defasada da realidade do ser e da cultura moderna (o marxismo já pertence ao passado, em que pesem os romelros do Kremlin). Do marxismo que tudo divide em categorias, classes, séries, para atirá-las umas contra outras e assegurar o domínio dos mais fortes, à custa da extinção dos mais fracos (Darwin) sobre o gênero humano.

Onde estão os 30 pastores evangélicos eleitos na Constituinte, que não pregam a seus pares, com a Bíblia na mão, a verdade sobre homem, contida na Criação e na Redenção?